

ALESSANDRA KELLY TAVARES

**AÇÕES CULTURAIS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO:
IDENTIDADES E TERRITÓRIOS EM QUESTÃO**

CELACC/ECA – USP

2012

ALESSANDRA KELLY TAVARES

**AÇÕES CULTURAIS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO:
IDENTIDADES E TERRITÓRIOS EM QUESTÃO**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

CELACC/ECA – USP

*Aos corações periféricos que amam,
lutam, fracassam, persistem e ousam em
fazer o que parecia impossível.
À luta de todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer ao meu orientador Professor Doutor Dennis de Oliveira pela orientação dedicada e compreensiva aos desvios do caminho. Agradeço a preciosa atenção e disponibilidade da Professora Doutora Fabiana Felix do Amaral e Silva e aos demais professores do CELACC que tanto colaborarão para a realização deste trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos colegas de turma que direta ou indiretamente colaborarão para finalização desta etapa do meu processo de aprimoramento científico, em especial à Isabel Cristina de Souza, Luis Carlos Barbosa, Leonardo Virno, Eliete Edwiges Barbosa, Thais Bernardes da Silva e Denise Lourenço.

Aos amigos de uma vida inteira com quem posso compartilhar ontem, hoje e sempre as conquistas do caminho. Com especial atenção ao apoio e motivação de Jenyffer do Nascimento, Renata Silene Silva, Bruno Logatto, Giovani Schiavini, Juliana Mercuri e Eugênia Marina.

Em especial, à minha mãe, mulher guerreira e forte, que desde muito cedo me ensinou a lutar pelos meus ideais e contra as adversidades da vida, Maria Creuza, meu agradecimento e amor.

Não poderia deixar de agradecer à minha família que ao seu modo me apoia em cada etapa, ao José Antonio de Oliveira, meu padrasto, ao meu irmão Alexsandro Aparecido da Silva, em memória, à Cilene Adriane de França, minha tia, e à luz do meu olhar, pessoa que reacende todo dia a alegria de viver e a confiança num mundo menos injusto, Ana Julia Monteiro da Silva, minha sobrinha.

SUMÁRIO

Resumo, Resúmen, Abstract	06
Introdução	07
Cultura na ou da Periferia?	09
Territórios	13
Identidades	17
Arte e Cultura nos processos de resignificação	21
Considerações finais	25
Referências bibliográficas	28
Apêndices - Entrevistas	30

RESUMO

O presente artigo visa empreender uma reflexão crítica sobre território e identidades relacionados às manifestações culturais da periferia da cidade de São Paulo tendo como referência analítica os autores Milton Santos, Lucio Kowarick, José Teixeira Coelho e Stuart Hall. Este movimento crescente da cultura periférica por meio da busca de suas origens contribui e converge para a construção das identidades de seus atores, da mesma forma, realizam processos de ressignificação de antigos signos de exclusão e inferioridade, marcando, na atualidade, aspectos de identidade e diferença nas especificidades da metrópole.

Palavras-chaves: cultura periférica, identidade, território e periferia.

RESÚMEN

Este artículo pretende realizar una reflexión crítica sobre el territorio y las identidades culturales relacionados a las manifestaciones culturales en la periferia de Sao Paulo, utilizando las referencias de los autores Milton Santos, Lucio Kowarick, José Teixeira Coelho y Stuart Hall. Este movimiento creciente de la cultura periférica por medio de la búsqueda de sus orígenes contribuye y converge para la construcción de las identidades de sus actores de la misma manera, realizan los procesos de replanteamiento de los antiguos signos de exclusión y inferioridad, marcando en la actualidad, aspectos de la identidad y diferencia en las especificidades de la metrópoli.

Palabras-clave: cultura periférica, la identidad, el territorio y periferia.

ABSTRACT

This article aims to undertake a critical reflection on territory and cultural identities related to the outskirts of São Paulo having the following authors as analytical reference: Milton Santos, Lúcio Kowarick, José Teixeira Coelho and Stuart Hall. This growing cultural movement of the periphery through the pursuit of its origins contributes and converges towards the construction of its players. Likewise, it gives rise to a new process of reinterpretation of what were previously considered signs of exclusion and inferiority currently demonstrating aspects of identity and differences in the specificities of the metropolis.

Keywords: peripheral, culture, identity, territory and periphery.

ACÇÕES CULTURAIS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO: IDENTIDADES E TERRITÓRIOS EM QUESTÃO

Alessandra Kelly Tavares¹

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência, e da solidariedade. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. (...) Daí a expressividade de seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre pessoas. (Milton Santos)

Introdução

Desde o surgimento das primeiras cidades a formação sócio-espacial era centralizada, este centro conjugava as instituições públicas, o comércio, o poder político, os serviços, a religiosidade e as manifestações culturais. Este quadro teve poucas transformações, em 1891 a expansão do centro para a Avenida Paulista e Av. Engenheiro Luis Carlos Berrini em 1992. Entretanto, a nova configuração da cidade continuou a perpetuar a centralização das ações e os espaços de lazer e cultura.

Dentro desta lógica os extremos da cidade aparecem como bairros dormitórios para os trabalhadores que se deslocam das periferias para o centro em busca de trabalho, educação, lazer e serviços públicos. No entanto, o presente artigo busca analisar movimentos culturais da periferia da cidade que rompem com esta lógica e por meio da prática artística e cultural dentro das periferias propondo um novo uso do espaço urbano.

O movimento cultura periférica surgiu por meio de iniciativas isoladas de poetas, grupos de teatro e dança, música, cine clubes, *rappers* e grafiteiros com forte influência da cultura popular nordestina e afro-brasileira. Inicialmente desarticuladas as ações eram pulverizadas e não havia comunicação entre os grupos. Na década de 1980 e, especialmente, no final da década de 1990, com o aparecimento de espaços voltados à cultura possibilitaram encontros que, posteriormente, tornou-se uma rede e um tipo peculiar de movimento social.

¹ Formada em Ciências Sociais pela PUC-SP e pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos no CELACC/ECA-USP. Artigo realizado sob a orientação do Professor Doutor Dennis de Oliveira. Contato por e-mail: adra.tavares@gmail.com.

Meu interesse pela cultura periférica partiu da observação do crescimento das atividades culturais nas regiões periféricas e do crescimento do público e, ainda, por gerar um novo discurso entorno do que é viver na periferia. Outra observação inicial importante foi o deslocamento crescente de público que antes frequentavam prioritariamente espaços centrais e passou a frequentar o “circuito periférico”. Contudo, em minhas observações o que me pareceu mais atraente foi a transmutação da ideia de carência para a de possibilidade. Ao invés de buscar manterem-se dentro dos circuitos sacralizados de arte e cultura, estes agentes optaram por inaugurar novos espaços de intervenção numa busca permanente de identificação.

Estes elementos subjetivos presentes nas ações culturais da periferia precisavam de um trabalho metodológico que permitisse sua percepção analítica. Para abordar temas tão complexos foi optado pelo registro da comunicação oral. É aceito que outros recursos seriam tão ou mais pertinentes, mas devido ao tempo a opção selecionada foi a realização de entrevistas curtas, com questões mais abertas que pudessem dar voz aos processos de identificação em curso. As entrevistas foram realizadas nos meses de março e abril de 2012.

É importante para a compreensão dos movimentos culturais da periferia e das identidades que os acompanham é a ausência de um passado coletivo que possam apegar-se materialmente. A periferia da cidade é fruto da expulsão dos pobres do centro, dos processos migratórios e da crescente especulação imobiliária da cidade. Assim sendo, são pouco comuns agrupamentos ou bairros que possuem um grande número de sujeitos com uma mesma origem com a qual pudessem se apegar e dar sentido a suas práticas. Etnicamente, não é diferente, tendo em vista as diferentes origens e a dificuldade de estabelecer materialmente alguma forma cultural de laço hereditário.

Para entender estas complexas relações nas periferias da cidade de São Paulo os conceitos utilizados de território partiram da concepção de Milton Santos que favorece a compreensão das complexas possibilidades de identificação e resistência, já o processo de formação da periferia e suas consequências políticas foi encontrada na obra *Escritos Urbanos* de Lúcio Kowarick.

O entendimento dos fenômenos de identificação e o conceito de identidade na contemporaneidade foram abordados tendo como referencial o autor pós-colonial Stuart Hall que analisa com precisão a formação identitária e a multiplicação da diferença. Já as possibilidades destas ações culturais encontraram em Teixeira Coelho uma possibilidade interpretativa de seus impactos no cenário cultural.

Assim, o presente trabalho busca compreender dentro do vasto universo simbólico que permeia os movimentos culturais da periferia da cidade de São Paulo os elementos de formação das suas identidades e marcar quais as conexões existentes entre as formas simbólicas produzidas por estes movimentos e as identidades a elas atreladas. Por meio de uma compreensão de cultura como totalidade, ou seja, para além do campo formal das artes.

Cultura na ou da periferia?

Nos últimos anos começaram a surgir um número maior de pesquisas que abordam as questões culturais nos extremos das cidades. Contudo, a literatura acadêmica sobre periferia das décadas anteriores abordaram tradicionalmente a apropriação do espaço urbano e, posteriormente, os movimentos sociais. Este foco coloca em questão o espaço da escassez, a autoconstrução, a ilegalidade jurídica, a subcidadania e tantos outros elementos que acirram a contradição centro-periferia que serão abordados posteriormente.

Essa literatura também destacou o modo peculiar de sociabilidade desenvolvida em tal cenário e as articulações de redes de sobrevivência. Podemos observar isto no artigo publicado no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* realizado por Renato Souza de Almeida que desenha muito bem o cenário.

Eder Sader havia encontrado na periferia *novos personagens* políticos que organizavam movimentos sociais diversos; Magnani achou o circo, o futebol de várzea, os violeiros e outras formas de lazer; e, alguns anos depois, Helena Abramo deparou-se com os jovens *punks*... Mesmo com todas essas peculiaridades, nos anos 1980 ainda não era comum a referência a uma *cultura* ou *arte de periferia*. Bem como, não era tão tranquilo para os jovens assumirem que viviam em regiões periféricas, seja na busca de emprego ou em alguma *paquera* que conseguiam em uma discoteca, por exemplo. (ALMEIDA, 2011).

Assim, as pesquisas acadêmicas sobre periferia, antes do surgimento do hip hop, não se aprofundavam nas características da formação cultural das zonas periféricas, talvez, por esta não ser a problemática emergente no período. Nosso objetivo não consiste em apresentar uma historiografia dessas manifestações culturais, mas apresentar alguns argumentos que nos serão úteis para a compreensão da identidade formulada neste processo.

É impossível pensar que os contingentes que se apropriavam nos arredores da cidade expulsos do centro não levariam consigo suas manifestações culturais. Assim como afirma Milton Santos (2008), “gente junta cria cultura”. Outra hipótese possível é que partes destas pessoas foram expulsas por conta de suas expressões culturais, samba e religiões afrodescentes, que eram intoleradas no centro da capital.

Neste sentido, pode-se considerar que a cultura na periferia surge paralelamente com a apropriação do espaço. Este argumento foi bem registrado no documentário *Samba à Paulista*, que deixa evidente que o processo de construção da periferia de São Paulo foi realizado ao som de batuques e tambores vindos, em grande parte, de negros da migração estadual de São Paulo. Também nas entrevistas é perceptível a referência ao samba quando se tratava de manifestações culturais, “tinha o samba, né? O circuito que andava. Todo final de semana era roda de samba” (Entrevista concedida ao autor em 02/04/2012 por Luiz Claudio agitador cultural da periferia e fundador da Associação Bloco do Beco).

Além disso, o documentário retrata como a grande discriminação com as religiões afrodescendentes que coagia seus praticantes que acabavam partindo para outros espaços dentro da cidade a fim de preservar suas práticas religiosas e culturais. Outro argumento importante é a presença marcante do samba nos quatro cantos da periferia cidade que abarcam desde o denominado samba de raiz até o estilo mais comercial denominado pagode.

Para entender as transformações ocorridas nas práticas culturais na periferia é necessário se atentar as transformações no campo da cultura. Os fenômenos referentes a sucessivas aplicações tecnológicas que facilitaram a capacidade de reprodutiva, associados à globalização, aos meios de comunicação em massa e aos interesses de mercado culminaram na cultura de massa. Suas características revelam uma homogeneização cultural, baixa abertura à diversidade, transformação dos repertórios culturais locais em artigos degustáveis para a grande massa consumidora e, conseqüentemente, certo aspecto dominador.

Este fenômeno tem grande representatividade dentro do contexto das práticas culturais periféricas, já que a redução dos custos de aumentam consideravelmente o consumo destes produtos e, por outro lado, no bojo deste são veiculam artigos passíveis de transformações e ressignificação. Neste segundo ponto cabe à compreensão que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) desenvolvidas pela indústria cultural são “flexíveis e dóceis” (SANTOS, 2008) e podem servir a diferentes interesses.

As facilidades de acesso às produções estrangeiras possibilitaram, já na década de 1970, a influência da música negra norte-americana, nas periferias paulistanas e a criação de um novo cenário que anteriormente era dominado pelo samba e demais manifestações nordestinas, a cena “Black”.

Os bailes black’s entre as décadas de 1970 e 1980 organizados tanto nas periferias quanto nos bairros centrais aglutinam jovens, majoritariamente, negros e ofereciam respaldo cultural para uma postura política de reivindicações étnicas. Produzem, assim, não somente

manifestações artísticas, mas um novo comportamento diante da realidade social expresso nos modos de vestir, pela valorização do biótipo étnico, das gírias e também dos espaços habitados pela população negra da cidade. Deste modo, os mesmos canais que serviram de veículo à cultura de massa norte-americana e seus interesses, veiculavam uma série de materiais étnicos que fortaleceram uma cena afrodescendente no Brasil. Este via dupla por vezes contraditória da globalização fica evidente nas palavras de Stuart Hall.

(...) a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do global nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do local. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes (HALL, 2006: p. 97).

Importante salientar que este processo se desenvolve em plena ditadura militar e os relatos da época apontam para fortes repressões nas festas², contudo, insuficiente para sufocar sua manifestação, impactos e desdobramentos. Os bailes black's incentivam diferentes produções nacionais, todas, igualmente, influenciadas pela cultura negra estadunidense, mas com características locais próprias, a saber, samba-rock, funk e rap. Estes três elementos ilustram bem a perspectiva de Milton Santos sobre a relação entre cultura popular e cultura de massa, que apesar do esforço homogeneizador da segunda por vezes apresentam:

(...) a possibilidade, cada vez mais frequente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massa. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são utilizados, o conteúdo não é, todavia, “global”, nem a incitação primeira é o chamado mercado global, já que sua base se encontra no território e na cultura local herdada. (SANTOS, 2008: p.144).

Esta afirmação nos serve para repensar o papel do *hip hop* nas periferias de São Paulo. Apesar da gama das práticas culturais na periferia desde o seu surgimento nenhuma outra obteve tamanha dimensão e repercussão. O discurso produzido coloca em destaque a possibilidade de inclusão, o enfrentamento da discriminação e da segregação da periferia de São Paulo, se apresentando e exercendo o papel de discurso dos “de baixo”.

O *hip hop* expõe pela primeira vez uma arte **da** periferia tanto pelos temas quanto pelos produtores. Nas entrevistas realizadas a referência ao rap não se reduzia a indicação deste como elemento artístico, mas estava presente nos discursos. A periferia aglutina pessoas de distintas cores, lugares, fenótipos e origens todos em busca do sonho de sobreviver na

² Uma discussão mais aprofundada sobre o tema pode ser encontrada em FELIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*, 2000. 194 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

metrópole e criar seu espaço onde para o resto da cidade parecia impossível. O que o rap apresenta às novas gerações como possibilidade de identidade e de transformação é o próprio território, motivo da exclusão, estigmas e um elo comum.

Desta forma, referências indiretas a letras de rap como “Da ponte pra cá” e “Fórmula Mágica da Paz” dos Racionais Mc’s³ foi muito frequente. Outra música que também parecia estar presente dentro dos discursos é a música do Z’afrika Brasil “Mano Chega Aí”⁴ que retrata as práticas culturais da periferia e suas possibilidades de lazer e cultura. Estas músicas e tantas outras coloca em questão o cotidiano das periferias com suas contradições, conflitos e necessidades oferecendo um repertório para uma ressignificação da periferia.

Neste ponto cabe a discussão da polêmica proposta pelo título do capítulo. Cultura na ou da periferia? Distintas formas artísticas e culturais estiveram presentes dentro dos territórios periféricos. Mas, essas não foram reconhecidas e identificadas como **do** lugar, ou seja, não existia um discurso ou identificação que gerasse o sentimento de pertencimento. A década de 1990 com crescimento do *hip hop* e dos movimentos sociais contra a violência possibilitaram a valorização simbólica das periferias, ou seja, de suas produções, discursos e estética. Assim, consiste no surgimento de expressões artísticas produtoras de discursos e estéticas que se apresenta à cidade como dos extremos da cidade e, nestas regiões, suas práticas são legitimadas como oriundas da periferia.

Assim o *hip hop* formou um circuito cultural dentro das periferias favorecendo a troca, o encontro entre diferentes grupos de artistas, produtores e poetas proporcionando a valorização simbólica deste espaço. Esta nova reorganização fica evidente se tomarmos em questão as rodas de samba que foram reorganizadas em meados da década de 1990 e início do século XXI em São Paulo⁵. Destes encontros ou mesmo fruto da valorização identitária dos moradores das periferias, concomitantemente, ao debate político em torno dos direitos

³ “Da Ponte Prá Cá” é uma música que faz referência à zona sul e sua forma peculiar de separação das periferias do centro da cidade por meio de pontes, a saber: Ponte do Socorro, Ponte Transamérica e Ponte João Dias. Além disso, a música retrata a diferenças entre as classes sociais e afirma, ”o mundo é diferente da ponte pra cá”. Música do Álbum “Nada Como um Dia Após o Outro Dia”. Outra música do mesmo grupo citada é do Álbum “Sobrevivendo no Inferno” a décima faixa “Fórmula Mágica da Paz” que aborda a contradição sair ou ficar na periferia. Destaco o início da música: “Essa pôrra e um campo minado. Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui, mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho. A minha vida é aqui e eu não preciso sair. É muito fácil fugir mas eu não vou, não vou trair quem eu fui, quem eu sou. Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim, ensinamento da favela foi muito bom pra mim”.

⁴ Mano chefe aí” do grupo Z’África Brasil retrada as possibilidades de lazer, entretenimento e cultura na periferia destacando a rap e o samba, além disso fala do orgulho de viver na periferia salientado os aspectos da vida difícil e a felicidade do lugar. O refrão se coloca contra o discurso da impossibilidade de diversão “Quem disse que na periferia não dá pra curtir. Mano chega aí”.

⁵ Este dado pode ser observado na Agenda Cultural da Periferia, Ação Educativa que indica o ano de criação de todas as rodas de samba de comunidades das periferias. Consultada a edição Nº 56, Ano 6, Maio/12.

culturais possibilitaram em vários cantos da cidade o surgimento de espaços culturais e artísticos, em forma de movimento ou ação.

As ações não se respaldam somente na tentativa de fazer arte nos extremos da cidade, é perceptível que nestas atividades está em questão tática de combate contra o hegemônico e do lugar reservado à periferia. Por isso, nas entrevistas observamos a valorização da capacidade educativa da cultura, do reconhecimento da periferia pela periferia e a busca pela identidade deste grupo. Nos trechos que seguem podemos observar tais preocupações.

Com a cultura você ganha educação, com cultura você ganha entretenimento, com cultura você ganha lazer. Então, a cultura tem muitas coisas que ela pode trazer. Se não tiver não vai pra frente. Poucas pessoas leem. A gente sabe o que tem muita coisa e não tem muitas coisas aqui. É tudo muito longe. Aproximar a cultura da periferia até virar uma coisa só. (Entrevista concedida ao autor em 14/12/2012 por Luis Trumon poeta e agitador cultural)

Eu vejo um reconhecimento da sua própria identidade. Daí eu vejo a coisa mais importante o maior potencializador desse movimento é mesmo o de fortalecer o que já está acontecendo e buscar meios de criar novos espaços voltados para a cultura dentro da própria periferia, para que haja uma visibilidade melhor do povo pelo povo. (Entrevista concedida ao autor em 12/04/2012 por Aline Maria artista plástica).

Meu pai é baiano, mas nunca me apresentou as coisas da cultura dele, por exemplo, minha vó canta de um jeito que é de Folias de Reis, mas ela nunca me disse. Eu achava que ela cantava assim, sabe? Era o jeito dela de cantar... Eu achava lindo. Então, a gente tenta montar os pedaços do quebra cabeça que compõe a gente e aí você vai atrás das coisas, das pessoas. (Entrevista concedida ao autor em 12/04/2012 por Nina agitadora do Manifesto Crespo).

Estes trechos expressam as preocupações com o papel social ocupado pela cultura, principalmente, nos extremos da cidade. Além disso, sinaliza uma concepção bem formulada por Teixeira Coelho (1986) no qual o campo da cultura é sempre um campo de forças, conflitos e disputas políticas onde existem elementos de negociação e complementaridade, mas também de contradições e batalhas, ou seja, de hegemonias e contra-hegemonias.

Enfim a partir desse momento e movimento, a cultura periférica passa a ser nomeada e percebida como campo que se coloca na disputa com ações que visam o reconhecimento de singularidade e, principalmente, uma intervenção na realidade. Contudo, para entendermos melhor como se relaciona arte e cultura na singularidade deste espaço é necessário discutir a relação entre identidade e periferia na capital paulistana.

Territórios

A discussão sobre identidades de grupos sociais perpassa pela questão da espacialidade, pois os principais referenciais do “eu” constituem-se no lugar. Ao tratarmos

dos grupos culturais da periferia da cidade de São Paulo estamos retratando uma prática artística pelo espaço e, conseqüentemente, pelo lugar por ele ocupado, repleto de significados dados pelos próprios moradores e também restante pelo a cidade.

A complexa relação entre os moradores das regiões periféricas com os demais moradores da cidade estabelece o contato com o “outro” que mediado por uma serie de signos. Para compreensão disso, cabe ressaltar o conceito de lugar elaborado por Milton Santos (2008) que parte da concepção que o lugar não se restringe as suas fronteiras, mas ao espaço da *existência* e da *coexistência* e, assim sendo, está repleto de significados expressos diretamente ou indiretamente no contato com o “outro”.

De tal modo, é no âmbito do lugar que reside à principal possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, pois possibilita a real e essencial comunicação, troca de informação e construção política. O espaço apesar de sua abstração conceitual torna-se material por meio do território usado – lugar –, ou seja, por representar o modo de reprodução geral da sociedade. Assim, Santos, permite uma análise da dominação política e econômica quanto da realização da vida humana em determinadas condições específicas.

A possibilidade desta resistência aos processos perversos do mundo no território também está presente também em Ana Fani Alessandri Carlos (2001), segundo a autora, o espaço manifesta a vida, ou seja, ele aparece como condição, meio e produto. Assim, as relações sociais possuem uma existência real como existência espacial concreta, explicitando condições temporais, espaciais particulares, determinadas localmente e, por meio de sua apropriação dos sentidos e das identidades.

Esta identidade não se dá de forma aleatória ou abstrata, pois se as relações sociais e, conseqüentemente, a mediação entre o “eu” e o “outro” se dão por meio de uma existência espacial concreta que está carregada de signos e significados, logo, a identidade será formulada a partir destes signos. Isto pode ser observado em algumas entrevistas, por exemplo, nesta fala: “Quando se fala em periferia é tudo muito pejorativo. Mesmo quando não querem tudo que falam sobre periferia é ruim. Então, você vai para algum lugar e tem que dizer da onde você é”. (Entrevista concedida ao autor em 27/03/2012 por Fernanda Coimbra estilista, poeta e cantora).

Conforme Carlos, nas grandes metrópoles a hierarquização dos espaços somada com a aceleração do tempo redefine as práticas socioespaciais de tal forma que a contradição centro-periferia aumenta, ultrapassando o aspecto morfológico da cidade e redefinindo as relações. Na história da formação da cidade este processo de acirramento da contradição

periferia-centro acarretou na expulsão da população mais pobre e contribuiu para hierarquização dos espaços transformando grande parte da cidade em lugares de dominação, gerando uma especialização dos lugares e o redirecionando do fluxo. Estes novos usos, por sua vez, acaba excluindo e incluindo habitantes e criando diferentes discursos segregadores.

A nova configuração do espaço urbano aparece como possibilidade de articulação entre espaço e tempo. Desta forma, a própria periferia em diferentes dimensões é fruto da história das transformações do espaço urbano e das produções próprias geradas a partir destas transformações. Assim, ela transcende uma análise no campo dos estudos da morfologia das cidades, uma vez que, enquanto forma de apropriação para produção da vida, assim como afirma Carlos, o “lugar se reproduz como referência, e, nesse sentido, lugar de constituição de identidade e memória; nessa dimensão revelaria a condição do homem, como construção da obra.” (CARLOS, 2001: p. 41).

No que tange a questão da produção do espaço Lucio Kowarick (2009) aponta autoconstrução como estratégia dominante para aquisição da casa própria que se tornou fundamental no processo de periferização da moradia popular. Isto só foi possível com a ação do Estado, visto que o processo de ocupação das áreas afastadas do centro se deu por meio do desenvolvimento dos meios de transporte urbano, o ônibus. Outro fator importante e fundamental para a aquisição de infraestrutura na periferia apontado por Kowarick são os movimentos sociais dos bairros com reivindicações em torno da necessidade de ampliação e instalação de infraestrutura, tais como: creches, saneamento básico, abastecimento de água e luz, além de outros bens básicos.

Estes movimentos com foco nas condições precárias da vida urbana nas periferias contribuíram para a criação de uma *consciência da exclusão*, nas palavras de Kowarick. Contudo, apesar de tratarmos a “periferia” como fenômeno geral e de contexto histórico de formação bastante aproximado, temos que concordar com a afirmação de Kowarick: “Periferias... No plural. Isto porque são milhares de Vilas e Jardins. Também porque são desiguais” (KOWARICK, 2009: p. 43). Contudo esta desigualdade esbarra um ponto de convergência, nas palavras do autor, “Lá por excelência é o mundo da subcidadania”. (KOWARICK, 2009: p. 43).

Este conceito cunhado pelo autor marca as transformações não só no espaço da cidade, mas também a segregação socioespacial e sociocultural gerado por este fenômeno. A marca deste processo é a ilegalidade da terra e a autoconstrução das moradias, nas décadas de

1960 e 1970, como modo dominante de ocupação do solo urbano nessas áreas que pelo baixo custo possibilitou a realização do sonho da casa própria à parte da população paulistana.

Segundo Kowarick a marca da subcidadania da periferia consiste em:

(...) um ponto crucial, que diz respeito à questão dos direitos básicos do cidadão. Irregularidade, ilegalidade ou clandestinidade em face de um ordenamento jurídico-institucional que, ao desconhecer a realidade socioeconômica da maioria, nega o acesso a benefícios básicos para a vida nas cidades. Não se trata apenas do inconsciente perverso de tecnocratas bem-intencionados. Trata-se de um processo político que produz uma concepção de ordem estreita e excludente e, ao fazê-lo, decreta uma vasta condição de *subcidadania urbana*. (KOWARICK, 2009: p. 54).

A produção do espaço urbano não se limita a sua condição material. Para a compreensão de sua complexidade cabe analisar os elos que unem a complexa relação entre objetividade-subjetividade. Desta forma, as condições materiais não são *a priori* e nem *per si* a força motriz da formação da subjetividade, mas exercer fundamental papel para a construção do processo de produção de experiências do qual decorrem variadas gamas de significados.

Neste contexto o processo sinalizado por Fabiana Felix do Amaral e Silva sobre o processo de formação da periferia traz à tona uma complexidade ainda maior.

A ocupação da periferia seguiu a lógica do deslocamento da mão de obra entre a moradia e o trabalho. A simbologia materializada dessa lógica dá a configuração das cidades-dormitórios e dos bairros-dormitórios, espaços esses que foram propositalmente destituídos do urbano e de seus artefatos, como a infraestrutura de saneamento, de educação e de saúde. Há, portanto, uma opressão material e simbólica, pois, além da exploração de sua mão de obra, os trabalhadores foram inseridos de forma precária e perversa na cidade legal. (SILVA, 2001: p. 68).

Deste modo, a violência sofrida pelos habitantes das áreas periféricas, subcidadania que foram expostos, é revestida de características de precariedade objetiva e simbólicas pelas quais são julgados pela moralidade. O discurso em torno dos padrões de higiene e imoralidade da moradia e de seus habitantes vai pouco a pouco constituindo o universo simbólico pelo qual a periferia é identificada. Nas palavras de Kowarick, “(...) a condição de subcidadão como morador das cidades constitui forte matriz que serve para construir o diagnóstico da periculosidade” (KOWARICK, 2009: p. 55).

Assim, a periferia torna-se a marca de território por um lado da escassez, ou seja, da ausência dos serviços públicos e da cidadania e, por outro, da presença da marginalidade, da imoralidade, doenças e todos os tipos de má sorte. Esta segunda forma de compreensão do espaço periférica fica evidente em Silva.

Além da construção simbólica da homogeneidade, os assim chamados ‘periféricos’ convivem com uma visão marginalizadora que a periferia produz violência, é o local de bandido. Estas formulações sustentadas simbolicamente pela mídia, que

reproduz e legitima essa visão parcial e tendenciosamente excludente e intolerante aos reais motores da produção da cidade e da periferia. (SILVA, 2011: p.55).

Este discurso veiculado pela mídia produz uma ordenação simbólica do espaço que naturaliza a violência como fruto de determinado grupo social espacialmente localizado. Neste sentido, o espaço, inicialmente, visto como mera localização geográfica torna-se elemento central da discussão das identidades.

Assim, o presente artigo pretende discutir como o lugar, ou seja, fórmula concreta e abstrata do espaço apropriado, produzido se desenvolve em sua multidimensionalidade, pelos sujeitos que o (re) definem permanentemente em suas cotidianidades (casa, rua, bairro), num campo de relações de poder, das mais variadas intensidades, ritmos e direções.

Assim como podemos observar neste trecho da entrevista: “as pessoas da periferia sempre sofreram muito e tem hora que cansa. Você não vai ficar esperando. É isso. Ninguém vai esperar nada. Tem muito pra crescer. Porque somos todos *periferia* de um jeito ou de outro.” (Entrevista concedida ao autor em 12/04/2012 por Fernanda Mourão atriz, maquiadora e agitadora cultural do coletivo Agência Popular Solano Trindade). Deste modo, redefinindo cotidianidades estabelecem-se pontos de contra-hegemonia pela marca da diferença e não pela busca da aceitação ou assimilação.

A conexão entre o território e a produção das identidades fica evidente. Assim entre espaço e identidade existem variadas formas de vinculação, antes de tratarmos especificamente destes elos na periferia de São Paulo cabe uma breve discussão sobre os processos de produção das identidades na atualidade.

Identidades

Discutir a soma de signos, símbolos, referências, experiências, ideais, valores, concepções, interações, ou seja, identidade não é algo simples. Dentro das ciências humanas este tema sempre esteve em volta de controvérsias gerando consecutivamente polêmicas. Como o objetivo deste artigo se restringe a discussão de uma conformação identitária não adentraremos nos debates e partiremos das concepções mais úteis à nossa pesquisa.

O século XX gerou profundas transformações no modo de ser e pensar. Os movimentos sociais e suas reivindicações apresentavam novas subjetividades e a necessidade de legitimação destes novos atores engendrou a concepção de multiculturalidade. Este novo discurso promove a difusão da ideia de diferença e, ainda mais, a ideia de preservação da diferença, ou seja, da multiplicidade gerada.

Assim, partindo da concepção de Stuart Hall, a identidade tornou-se, um tema central dos estudos culturais. A antiga noção de identidade relacionada à concepção do sujeito unificado sofre um profundo deslocamento e seus elementos constituintes reverteram em características fluidas, polissêmicas e móveis. Este deslocamento não repercutiu somente no sujeito, ecoou na ordem social das coisas.

Segundo o mesmo autor: “as velhas identidades, que por tanto tempo estatizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado” (HALL, 2006, p.07). Assim, não se trata apenas de uma crise de identidade dos sujeitos, no bojo desta questão estão processos mais amplos de deslocamento de estruturas centrais da sociedade pós-industrial que acaba por combalir os quadros de referência dos indivíduos. Desta forma, é o fim do mundo social estável (HALL, 2006).

Este deslocamento permite ao sujeito identificar-se com referências culturais distintas sendo sua afirmação ou repressão determinada por escolhas políticas. Esses processos de identificação têm redefinido o sujeito contemporâneo. As identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou fragmentadas pelo processo de globalização.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2006, P.09).

Tal é a importância das identidades que Hall aponta que na sociedade pós-moderna ela se apresenta com importante fator na arena política. Outro ponto importante sinalizado por Hall em seus textos é o conceito de tradução para a conformação das identidades na pós-modernidade. Para Hall o movimento contraditório entre tradição, nacionalismo e fundamentalismo religioso, que aponta para o conceito de identidade como pureza, coesão e unicidade e tradução – transição – veiculado ao hibridismo, diverso, e criação do novo e ou inesperado culminam para a produção das identidades culturais.

Zigmunt Bauman em seu livro *Identidade* apresenta outra concepção em que apesar da abordagem diferenciada nos possibilita ampliar a compreensão do conceito. Partindo das falências das instituições de referências dos sujeitos na modernidade líquida, os mesmos se

encontram desamparados e, conseqüentemente, disponíveis e livres para outras escolhas no mundo de rápida transformação. Assim, a questão da identidade para Bauman é uma questão aberta e os indivíduos podem identificar-se a sua necessidade, desejo ou ocasião (BAUMAN, 2005).

Nas palavras do autor:

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando por nos juntarmos à grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter juntos por um momento, mas não há muito tempo. (BAUMAN, 2005: p.26)

Neste caso, Bauman postula a identidade como pertencimento que na pós-modernidade estão associadas ao provisório e o sujeito apresenta-se como *inseguro, fragmentado e desnordeado*. Neste sentido o autor trata do surgimento de “*movimentos comunitários-culturais identitários*” que se apresentam como abrigos seguros e estáveis diante as mudanças incertas (BAUMAN,2005).

Apesar de apresentar certa semelhança com o tema estudado o autor se refere aos movimentos identitários de origens diversas na Europa que guarda vasta distinção da periferia paulistana. Contudo, no mundo de incertezas e efêmero as identidades territoriais apresentam se como formas mais estáveis e menos individualistas e, conseqüentemente, menos provisórias, sendo dotadas de discursos coletivos, políticos e certas doses de utopia.

Outra contribuição importante para compreensão da questão é de Kathryn Woodward, segundo a autora a identidade é sempre relacional. Partindo desta perspectiva sua distinção adjetivada como periférica precisa da identidade “paulistana” hegemônica para existir. Portanto, a perspectiva relacional nos serve para compreender fenômenos expressos nas entrevistas tais como neste trecho: “é inegável que a periferia tem um referencial próprio de cultura. A tendência é isso se fortalecer cada vez mais. Agora a própria cultura dita de padrão da sociedade, burguesa branca de São Paulo esta vendo gente pensante na periferia” (Entrevista concedida ao autor em 14/04/2012 por Lúcia agitadora cultural e fundadora do Manifesto Crespo).

Segundo a mesma autora a marca da identidade é a diferença. Não se trata de uma diferença espacial no caso analisado, mas de todos os símbolos e signos por elas veiculados. Assim, “branca” e “burguesa” são elementos de distinção, ou seja, marcadores da diferença, inicialmente, expressa por uma localização. Estas diferenças não são algo acabado ou pronto, sua construção é fruto dos processos migratórios e das desigualdades sociais e sua repercussão simbólica nas marcas da exclusão.

Do mesmo modo, as diferenças são construídas socialmente e são vítimas dos discursos de poder. Assim:

Elas não só são definidas como também impostas, elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. A identidade e diferença estão, pois, em estreita conexão com a relação de poder: o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (WOODWARD, 1999: p.81).

É neste sentido que podemos conceber as marcas políticas das ações desenvolvidas na periferia da cidade, ao estabelecer vínculos identitários e veicular símbolos e signos destas identidades está estabelecendo relações de poder, afirmação de novas formas de conceber a vida, o lugar, a arte e a si mesmo. Esta nova visão de mundo, oriunda da identidade, são realizadas pelos *mecanismos simbólicos de classificação do mundo e de relações dentro desse mundo*, ou seja, a representação.

A autora trata a representação como a relação de oposição, ou seja, o outro é apenas uma representação, em outras palavras, a representação consiste na materialização dos processos de oposição da criação da identidade. Nesse sentido, o “eu” e o “outro” são duas existências que se interpõem numa relação que, mesmo sendo de oposição, também consiste numa afirmação.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (WOODWARD, 1999: p. 17).

Stuart Hall na mesma perspectiva apresenta um diferencial, para o autor, as identidades, estabelecidas pelas diferenças, formam arranjos que os indivíduos precisam assumir enquanto integrante de um grupo. Portanto, a concepção do conceito de identidade aceita que as identidades não são nunca unificadas, conseqüentemente, elas na modernidade tardia, são cada vez mais fragmentadas e fraturadas (HALL, 1999).

Contudo, apesar das várias formas de relacionar ações culturais e periferia, uma característica comum esteve presente nas entrevistas a afirmação “sou da periferia” de formas diferentes. Às vezes evidenciadas pela moradia, outras vezes pela vida ou por compartilhar das coisas de todos os dias, mas a expressão “sou” denota muito bem o sentido de pertencimento e identificação.

Se elas não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se conciliar ou serem antagônicas. As identidades estão sujeitas à história, estando constantemente em processo de mudança. A importância da investigação do fenômeno consiste em investir no desvelamento, de acordo com Stuart Hall,

das “identidades dentro e não fora do discurso produzidos em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000: p109).

Para finalizar cabe tomamos a concepção aqui desenvolvida de identidade cultural como “pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento”. (HALL, 1996: p. 70). Desta forma, a identidade surge ancorada, em partes, na memória coletiva e individual e suas representações (marcas) no próprio lugar e, simultaneamente, com o próprio processo de construção, apropriação, do espaço que permite o estabelecimento de relações identificação e pertencimento. Somam-se a isso sua capacidade de gerar sentimentos de continuidade e coerência do grupo em sua reconstrução, posicionando sujeitos e grupos sociais no campo do poder.

Arte e cultura nos processos de ressignificação

A arte nas sociedades ocidentais serve às estratégias de distinção de classe social. O reconhecimento de sua prática por outros atores esteve veiculado a noção de culturais tradicionais e populares. As atuais práticas das periferias rompem com este paradigma por situar-se em diferentes campos de atuação que abrange artes visuais, dança, teatro, literatura e outras. Assim, não permite restringi-las dentro do campo “cultura popular”, por sua característica propriamente urbana. Para compreender este fenômeno da melhor maneira recorreremos à conceituação de Maria Nazareth Ferreira sobre culturas subalternas.

Tomando-se a cultura em seu sentido amplo, pode-se considerar que é no espaço cultural, na cotidianidade, portanto, que se dão as relações da classe subalterna com o mundo material e com as classes hegemônicas; as exposições dos valores modernizados da cultura hegemônica; as manifestações das formas adaptativas, de resistência e de recriação do uso das mensagens que recebem, gerando formas peculiares de participar do mundo. Considerando ainda que o espaço da manifestação cultural é um espaço de manifestação de conflitos, entende-se que a cultura das classes subalternas só pode ser entendida a partir do processo ambíguo e conflitivo no qual ela está mergulhada na atualidade. (FERREIRA, 2008: p. 23).

A conceituação de Ferreira nos é útil na medida em que sinaliza elementos centrais das produções periféricas. Inicialmente, por não restringir as práticas ao campo da arte e evidenciar o cotidiano, os valores da modernização, a recorrente negociação com o hegemônico, a resistência e as forma peculiar de visão do mundo. Além disso, o conceito de cultura subalterna salienta a contradição, a situação de classe e exclusão desta forma de produção de arte e cultura.

Neste sentido, continua:

Nesse espaço conflitivo e adaptativo, a cultura subalterna refuncionaliza as mensagens recebidas, adaptando-as ao seu cotidiano. Daí resulta que as classes subalternas estruturam o seu mundo a partir de uma coexistência não harmoniosa, mas nem sempre conflitiva, com outras culturas e ideologias. Como resultado desse exercício de sobrevivência, a cultura das classes subalternas não é homogênea, pois nela convive a influência das classes hegemônicas e dos valores civilizatórios ancestrais. (FERREIRA, 2008: p.24).

Outro autor que aprofunda a questão é Stuart Hall, conforme sua concepção não se pode reduzir a compreensão das manifestações por suas características externas. Por este motivo, o autor, escolhe uma terceira via para o entendimento das manifestações populares, remetendo mais às condições sociais e objetivas de classes específicas, considerando seu aspecto de tensão com dominante. Assim, podemos concluir que o significado da cultura popular não está exclusivamente associada aos objetos e manifestações culturais e artísticas, mas no significado que é atribuído e relações que eles estabelecem com o hegemônico e com os demais.

O significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa não são os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta da classe na cultura e em torno dela. (HALL, 2003: p. 242).

Neste sentido, a inquietação em torno da associação entre arte e periferia consiste que na perspectiva da arte como “privilégio” de uma camada social. O deslocamento do centro para a periferia evidencia a percepção desta descentralização gera certos incômodos, principalmente, quando não parte de iniciativas relacionadas diretamente à educação ou inserção social. Outro argumento importante desta forma de distinção é que a arte para as classe dominantes é vista como apreciação desvinculada da vida de todos os dias, diferente das manifestações periféricas que formam novas sociabilidades, vínculos, articulação e prática cotidiana.

As produções artísticas e suas características estéticas fortalecem a conformação cultural desta área da cidade. Nas Palavras de Peçanha:

A cultura da periferia seria, então a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros das classes populares tidos como periféricos. (...) Sob um viés antropológico, essa noção de cultura da periferia pode ser vista como um conjunto de produções simbólicas e materiais que é produzido e reproduzido constantemente, por meio do qual se organizam formas de sociabilidade, modos de sentir e pensar o mundo, valores, identidades, práticas sociais, comportamentos coletivos e etc.; e que caracteriza o estilo de vida dos membros das classes populares que habitam em bairros periféricos (PEÇANHA, 2010: p 119).

Assim como aponta a própria autora citada, devemos problematizar esta concepção, na medida em que esta tende a favorecer uma perspectiva de isolamento, que não é o caso, ou mesmo favorecer uma perspectiva de cultura autêntica da periferia. Contudo, não se pode negar, baseados em autores já citados na pesquisa, que a experiência da escassez, da exclusão e autoconstrução do espaço periférico engendra uma forma de sociabilidade e identidade diferenciada do centro, apesar disso, precisamos considerar estas diferenças dentro da concepção de um modo de viver o urbano, conectado, globalizado, pois estas produções não se dão distante ou sem conexão do centro, seja ele tido em sua característica geográfica, cultural ou de poder.

Deste modo, o fazer cultural das periferias de São Paulo estão colocando em questão um território antes visto conforme as divisões técnico-administrativas da cidade, zoneamento e divisões distritais, estas ações estão conformando uma nova espacialidade, a periferia, não pelos signos de exclusão ou por uma homogeneização dos lugares, mas como espaço de atuação cultural e, conseqüentemente, política. Esta nova espacialidade surge contra os discursos unilaterais e ao serem expostos trazem em si a “revanche da ‘cultura popular’ o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2008: p144).

Soma-se a isto o processo de ressignificação de elementos culturais que caracterizam simbolicamente a periferia e que os movimentos culturais transmutam para nova configuração. Os signos de exclusão, criminalidade, violência, lugar distante e outros passam por processos de valorização que dão novos sentidos a elementos anteriormente pejorativos. Junto com este processo se desenvolvem novos signos de identificação dos espaços e das pessoas capazes de emitir simbolicamente os fenômenos engendrados nas periferias.

Os processos de identificação são variados e partem por um lado de uma “origem comum”, raízes africanas, origem nordestina, exclusão e discriminação prioritariamente e, por outro, pela associação de interesse por arte, inovação e preocupação social. De uma forma ou de outra o elemento central das identificações dos grupos é o território compartilhado, independente da região de moradia. As antigas manchas nos mapas do município e os cenários das maiores violências dos telejornais também passam a ser reconhecidas e se reconhecerem como produtoras de arte e cultura e nisso consiste os novos significados dados à periferia.

A referência à origem africana e nordestina tornou-se tão presente nas entrevistas que cabe sinalizar sua importância específica. Fica evidente que a África “adquiriu um valor

imaginativo ou figurativo, que podemos sentir e nomear” (HALL, 1996, p. 73). Mas, a reivindicação traz consigo uma necessidade de marcar ancestralidade e, simultaneamente, resgatar tradições milenares e valores que foram violentados, negados, oprimidos e desconfigurados. Ao marcar a origem africana esta em questão a diferença, não entre brancos e negros, mas centro-periferia. Assim como na música do Z’África Brasil “Antes quilombos, agora periferia”.

Quanto à herança nordestina remete os processos migratórios para a capital e todo o repertório cultural trazido para os grandes centros que foram, por vezes, forçosamente, reprimidos na cidade, por simbolicamente serem identificados pelo hegemônico como atraso, inferioridade e pobreza. Sendo que a assimilação na moderna cidade de São Paulo, passava, necessariamente, pela assimilação de novos padrões de comportamento e práticas culturais mais condizentes com o padrão moderno. Contudo, foram os bares nas periferias que preservaram certa herança cultural por meio das comidas típicas, bebidas, músicas e danças, denominados pejorativamente como “riscas faca”.

Iniciar um encontro semanal sobre literatura na cidade de São Paulo como o Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultura da Periferia) com a frase: “povo lindo, povo inteligente” é negar os signos de exclusão e inferioridades historicamente estabelecidos sobre o povo nordestino e afrodescendente. É neste sentido que as produções culturais da periferia e suas práticas mantêm a preocupação com as origens, para transfigurá-las em forma de arte, identificação e atitude política, não como categorias estáveis, mas partes integrantes de um mosaico que conforme a luz reflete mais uma parte do que outra.

Partindo de uma interpretação baseada em Stuart Hall, podemos perceber que a periferia de São Paulo abriga identidades de diásporas que sofreram por muito tempo a oposição rígida oposição entre “os de dentro” e “os de fora”. Mesmo situada dentro da metrópole sua caracterização pautava-se pelo contrário ou pelo gerador dos problemas sociais.

A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença. (HALL, 1996, p. 75).

As identidades periféricas convivem e estabelecem-se com vastas diferenças, todas marcadas pelo território que envolve tantos os signos sacralizados quanto à transmutação realizada pelos movimentos culturais. Assim, é na posição que ocupam que é estabelecida

relações com o restante da cidade. Tanto as identidades quanto as diferenças criam e recriam-se por meio do rompimento com lógicas hegemônicas vigentes.

Porque é na sua ocupação da cidade, periferia, que buscar marcar simbolicamente outra lógica, outra forma de sociabilidade em contraposição às marcadas pelo centro, ou seja, uma busca de colocar-se frente ao individualismo e a sociabilidade capitalista. Como isto, propondo um padrão urbano diferenciado e distante das formas fixas.

Considerações finais

A intenção da pesquisa é evidenciar como as ações culturais da periferia engendram processos de criação de sentidos que reafirmam processos identitários atrelados a ressignificação do território. Estes processos se dão por meio de ação que compreende cultura na totalidade e rompe com a ideia de uma arte de apreciação ou forma de distinção de classe. Assim, todo o universo que compõem as práticas culturais destes grupos aparecem como forma de resistência ao modelo hegemônico de sociabilidade, arte e atuação política.

Estes atores sociais “ao produzir a própria imagem por meio de produtos artísticos, ou ‘falar com voz própria’, os artistas periféricos, especialmente aqueles organizados coletivamente, tornam-se sujeito de discursos sobre periferia e cultura”. (PEÇANHA, 2010: p.124). Estes discursos trazem uma nova ressignificação em torno do território e transmutação dos antigos signos exclusão em traduções capazes de articular uma nova diferença que possibilita estes processos de identificação, conforme sinalizado por Stuart Hall.

Cabe, ainda, sinalizar que esta produção cultura reside em ações em detrimento ao consumo de bens e, neste sentido, segundo Coelho é uma cultura viva. “Não existe uma cultura popular, ou uma cultura camponesa, ou erudita. Existe a cultura viva e a cultura morta, existe a cultura de consumo (de bens eruditos ou populares ou operários e consumir é matar) e a cultura de produção pelo indivíduo em grupo, com bens seja de que origem for.” (TEIXEIRA, 1986: p.113).

Assim, a vida da cultura periférica reside em sua produção coletiva, na inventividade de encontrar novas formas de produzir e veicular superando a restrição dos meios de produção de cultura, nos discursos que exaltam o cotidiano “dos de baixo” e na potência política diante dos padrões hegemônicos. Por isso, cabe o sentido de ação cultural não restrito ao ato de agir e fazer atividades culturais, mas conforme as concepções de Teixeira Coelho (1986) de uma procura e viabilização do êxtase, sair do contexto em que se encontra e enxergar acima, para

assim, enxergar por dentro e, conseqüentemente, identificar-se. A ação cultural é pensar em imaginação e possibilidade como forma de integração construída ao longo do processo capaz de produzir mudanças.

Atuações destes coletivos promovem simbolicamente o deslocamento da lógica cultural vigente evidenciando a invisibilidade de atores nos campos legitimados. Desta forma, criam condições para repensar e pertencer. É na busca das origens “dos de fora” dos centros urbanos, simbolicamente recriadas, que cansados de não identificarem com a arte posta cria suas próprias condições para o fazer artístico e cultural. Este movimento gera experiências coletivas (KOWARICK, 2009) que formam o repertório de compreensão da realidade, da possibilidade da luta e aprofundamento das origens sociais, econômicas, étnicas e culturais.

Contudo, este movimento cultural permanece restrito a uma pequena parte dos habitantes das periferias. Numa cidade com a população da Cidade de São Paulo, aproximadamente 12 milhões, em que grande parte desta encontra-se nas regiões periféricas, este movimento ainda não atinge uma parte quantitativamente significativa, por este motivo aparece relacionada a “certa elitização, dentro da periferia”.

Dentro das pesquisas é de preocupação de seus participantes ampliarem cada vez mais as ações. Contudo, mesmo que localizadas em pequenos focos geram grandes transformações no cotidiano das periferias, introduzindo paulatinamente, ações de encontro, trocas e busca de reconhecimento identitário. Proporciona uma reflexão por meio da experiência dos territórios periféricos de suas necessidades e soluções pautadas na experiência. Partindo do local para o global e não às avessas.

Acho que tá engatinhando. Falar que tem um grande impacto e fazer o marketing de uma coisa que não é, mas é uma oportunidade de fazer nossas coisas, de mostrar a nossa fazer. (Entrevista concedida ao autor em 02/04/2012 por Luiz Claudio).

O papel das culturas periféricas na ressignificação do espaço da cidade encontra-se em romper com a ideia de bairros periféricos como dormitórios, colocando a periferia dentro da lógica urbana, propondo uma apropriação do espaço que ao ser apropriado gera novos sentidos. Os usos dos espaços públicos fazer arte e cultura tais como praças, bares, ruas, escolas e prédios públicos desocupados propõe o uso destes espaços conforme as lógicas e necessidades que derivam da experiência em contraposição às lógicas administrativas do poder público.

Deste modo, a afirmação de identidades e, conseqüentemente, de diferenças não pode ser visto como manifestações “inocentes”, pois as mesmas marcam disputas no campo do poder por meio de seus ritmos, direções e intensidade. Assim, as identidades formadas nos

extremos da cidade, vinculadas aos movimentos culturais periféricos, estão em jogo para ampliar a capacidade de intervenção dentro do território e direcionar estas intervenções aos seus interesses.

Por fim, cabe sinalizar que é por meio desta cotidianidade que estes grupos conseguem se colocar diante do hegemônico por meio de uma luta de classes dentro do campo da cultura e em torno dela. Superando assim, transmutando assim as visões cristalizadas da periferia e os estigmas, tais como o baixo acesso a educação e cultura.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COELHO, José Teixeira. **Usos da Cultura: Políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

FERREIRA, Maria Nazareth e outros. **Globalização e Identidade Cultural na América Latina: a cultura subalterna no contexto do liberalismo**. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos – CBELA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. (ORG). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOWARICK, Lucio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.

SILVA, Fabiana F. A. S. **Novas Subjetividades Sulbateras na Cidade: Cultura, Comunicação e Espacialidade**. 2011. 128 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. (ORG). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Documentos audiovisuais

Saraus e Literatura – CURTA SARAUS, direção David Alves da Silva, Arte na Periferia produção, 2011.

SAMBA À PAULISTA – fragmentos de uma história esquecida, diretor Gustavo Mello, Varal Produções, 2007.

Periódicos impressos e publicações eletrônicas

ALMEIDA, R. S. **Cultura de periferia na periferia**. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 2011.

<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=995&PHPSESSID=29a4a091c2abd7268b2e0f0cc7118db9> consultado em 20/02/2012.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, p.68-75, 1996.

IVO, Any Leal. Identidade-Diferença na contemporaneidade – uma visão pós-moderna. História, imagem e narrativas. 2008, nº 7, ano 3, setembro/outubro/2008 disponível em <http://www.historiainagem.com.br> em 20/03/2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate.** RUA [online]. 2010, Nº. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/> em 18/04/2012.